

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

O JUSTO, DIANTE DE DEUS, EM JÓ

Célio de Sá Esteves

São Paulo

2022

CÉLIO DE SÁ ESTEVES

O JUSTO, DIANTE DE DEUS, EM JÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

Orientador: Prof Pedro Evaristo Conceição Santos

São Paulo

2022

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Célio de Sá Esteves

O JUSTO, DIANTE DE DEUS, EM JÓ

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Pedro Evaristo Conceição Santos-Orientador

Prof. Susie le-Leitor

São Paulo

2022

RESUMO:

A presente pesquisa busca entender quem é justo diante de Deus no livro de Jó. Alguns questionamentos sobre o livro revelaram essa importância, tais quais como, Porque os amigos de Jó são considerados pecadores por Deus e ele não visto que ambos são alertados pelo Senhor quanto às suas palavras? Será que Deus age com aceção de pessoas ou sua justiça possa ser alterada conforme parece convir? Para essa segunda pergunta a resposta que a pesquisa encontra é não. Deus é justo em todo o livro e trata as personagens envolvidas na história com a mesma régua. Já para a primeira pergunta com a investigação começando em Jó 42v2-8, porém permeando diversos capítulos do livro e falas de todas as personagens sobre discussão chegamos à seguinte conclusão: Deus leva em consideração as nossas capacidades e como agimos de acordo com elas, e sobre esse aspecto, dentro e tudo que Jó sabia ele agiu corretamente, seus erros não foram por má intenção e sim por ignorância. Seus amigos, no entanto, são considerados culpados, por Deus, pois mesmo pecam de forma consciente.

Palavras-chave: Jó, Deus, Justiça, Ignorância, Culpa.

Observações:

1)O trecho de Jó 42v2-7, por ser considerado central a pesquisa, foi traduzido pelo autor da pesquisa. O esboço da tradução se encontra nos Apêndices.

2) Todas as demais citações bíblicas presentes na pesquisa foram retirados da Bíblia Sagrada Nova Almeida Atualizada

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: ANÁLISE DAS ACUSAÇÕES DE DEUS E SUA RESPOSTA	9
1.1 O erro no discurso de Jó	9
1.2: A resposta de Jó a Deus.	10
1.2.1 Os problemas da tradução de Jó 42v6.	11
1.2.2 Tradução da resposta de Jó.	12
1.3 : Análise do texto	13
1.3.1 Jó sobre Deus	13
1.3.2 Jó sobre si mesmo	13
1.3.3 Deus, sobre Jó e seus amigos	14
1.4 : Conclusões sobre as observações do trecho	16
CAPÍTULO 2: COMO O TRECHO JÁ FOI INTERPRETADO	17
2.1 O Filtro da análise	17
2.1.1 Dillard e Longman(198)	17
2.1.2 Pfeiffer e a perspectiva do confronto	18
2.1.3 Comentário Beacon e a incapacidade de Jó	19
2.1.4 Francis I. Andersen, a ignorância de Jó	20
2.1.5 O caminho da verdadeira sabedoria em Jó por Claudionor de Andrade	21
2.1.6 Samuel Terrien o confronto com Deus	22
2.1.7 Comentário Bíblico Broadman: Ignorância	24
2.1.8 Wiserbe a hipocrisia dos amigos.	26
2.1.9 Mackenzie e a acusação de Jó	27
2.2 Síntese do pensamento dos autores	28
CAPÍTULO 3: TESTE DAS HIPÓTESES	31
3.1 Os sentimentos negativos de Jó são sobre sua ignorância.	31
3.2 A fala de Deus a Jó foi sobre sua incapacidade de compreendê-lo	32
3.2.1 A primeira fala de Deus a Jó	32
3.2.1 A segunda fala de Deus a Jó	35
3.3 Os amigos de Jó foram conscientemente impiedosos	36
3.3.10 Erro de Elifaz	38
3.3.2 O Erro de Bildade	39

	6
3.3.2 O Erro de Zofar	39
Conclusão	41
Biografia	42
Apêndices	43
A - Tradução da resposta de Jó	43
B - Tradução da Fala de Deus aos amigos de Jó	46

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca responder entender como Deus enxerga o justo no livro de Jó. Mais precisamente o porquê Jó não é repreendido, por Deus, junto com seus amigos?. Os aspectos daquele que é considerado justo por Deus serão questionados aqui, utilizando as mesmas regras para Jó e seus amigos.

Deus quando repreende os amigos de Jó não **restam dúvidas** sobre seus motivos, ele diz “Você e seus dois amigos não disseram o que era reto sobre mim, como meu servo Jó ”(Jó 42v7). Porém Deus também indaga Jó de querer anular sua justiça ao de querer condenar a Deus por seus atos em(Jó 40v8)¹. Jó concorda com a acusação de Deus que aponta seu erro ao falar em 42v3², como é possível então que Deus afirme que Jó falou corretamente?

Mesmo não sendo a questão direta do nosso trabalho uma das respostas necessárias para sua resolução é se há contradição entre 42:6 e 42:7. Em Jó 42:6 o personagem que dá título ao livro diz estar arrependido diante de Deus quando este o confronta, no entanto em 42:7 Deus fala que Jó falou corretamente.

Ora Jó errou ou não? Se ele falou corretamente do que se arrepende? Se Jó se julga culpado, não o sendo, por que Deus o confronta? Se Jó peca ao falar, como então Deus condena os amigos de Jó afirmando que eles não falaram corretamente sobre Deus, como Jó havia feito?

As perguntas do parágrafo anterior serão analisadas no capítulo de exegese, no qual são levantadas duas leituras possíveis. A primeira, é que alívio, e não arrependimento, é a melhor tradução para fala de Jó em 42v6.

Esta pesquisa pretende demonstrar que Jó enfatiza sua ignorância, enquanto os amigos dele estavam cientes de seu próprio pecado. Dessa forma Jó é justo pois, naquilo que ele conhecia, em toda a revelação disponível, aquilo que ele afirma está correto.

Tal investigação começará no primeiro capítulo onde o texto será analisado, para mostrar que sim, há acusação de Deus contra Jó e que essa acusação encontra amparo nas palavras de Jó. Depois abordará a segunda resposta de Deus

¹ Será que você está querendo anular a minha justiça? Ou me condenará, para se justificar?(Jó 40V8, Bíblia Sagrada NAA)

² Na verdade, falei e não entendia, as maravilhas maiores do que eu podia entender e não as percebi.

a Jó, naquilo que ele percebe sobre Deus e sobre si mesmo para então olhar sobre o que Deus diz sobre Jó, e seus amigos em 42v7, para tentar compreender melhor aquilo que Deus afirma sobre as 4³ personagens.

O segundo capítulo investigará as respostas de outros autores sobre 42v6-8 com o propósito de ver como outros teólogos pensam sobre o tema e reforçar a ideia da ignorância e uma leitura melhor sobre as diferenças de Jó e seus amigos. Nele levantaremos a hipótese de resolução que é “Jó é justo, pois dentro de tudo que poderia ser esperado dele não houve pecado, seus amigos, por outro lado, pecam de forma consciente e, por isso, são repreendidos por Deus”. Também serão trabalhadas as sub-hipóteses, que servem como teste de validação da hipótese central. Estas são:

1^a Os sentimentos negativos de Jó são sobre sua ignorância

2^a As falas de Deus a Jó são sobre sua incapacidade de conhecê-lo

3^a Os amigos de Jó, conscientes que sua impiedade é contra Deus, mesmo assim a mantêm

Essas sub-hipóteses serão trabalhadas no terceiro capítulo, buscando pontos na conversa em que Jó fala claramente a um de seus amigos que aquela atitude incorreria em pecado e depois de serem claramente avisados tornam a falar de forma pecaminosa, garantindo assim que, no caso deles, não é possível alegar ignorância visto que pecaram após instrução.

Quanto à fala de Deus, a leitura dos autores sobre o que eles apontam ser o cerne da primeira e segunda falas de Deus contra Jó tem foco em apontar a ignorância, pontuando assim um comportamento coerente de Deus com todos os personagens do livro.

³ O personagem Eliu, bem como todo o seu discurso, por não receber juízo de Deus, no livro, Não será analisado nesta pesquisa. Visto que nosso objeto de pesquisa, não é Jó, nem tão pouco seus amigos mas sim o Julgar de Deus conforme apresentado no livro de Jó.

CAPÍTULO 1: ANÁLISE DAS ACUSAÇÕES DE DEUS E SUA RESPOSTA

O ponto de partida deste trabalho é saber se ele faz sentido, no primeiro ponto, se Jó jamais cometeu qualquer erro não haveria por que Deus tratá-lo da mesma maneira que seus amigos. Mas fato é que na primeira leitura de 42v6 aparece a expressão “arrependimento” e ainda que não fosse esse o caso Jó afirma “falei do que não conhecia” e Deus sobre Jó diz “quem é esse que, sem conhecimento, encobre meus planos?” (42v3)

Porém se há motivo e vemos Deus dizendo que Jó não pecou (42v7) temos outro problema que é o fato de Deus parecer injusto com os amigos dele. Nossa tentativa de harmonização está em tentar entender o porquê Deus considera Jó justo, hipótese que será buscada no próximo capítulo, neste o estudo se dá respondendo se há, no livro, alguma acusação clara que possamos fazer a Jó, o discurso do próprio Jó após seu encontro com Deus e o que Deus afirma sobre Jó.

1.1 O erro no discurso de Jó

Será que há engano nas falas de Jó? Para tal investigação não é necessário análise do livro inteiro. mas caso se encontrar um único erro em todas as falas de Jó que o ponto será comprovado. Como o critério desse trabalho é o julgamento divino então o ideal é que tal erro não seja algo subjetivo, mas algo que o próprio Deus aponte como um problema no discurso de Jó.

A segunda fala de Deus a Jó começa assim:

Jó 40v 6-8

“6Então o Senhor, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó e disse:

7 “Cinje os lombos como homem,
pois eu lhe farei perguntas,
e você me responderá.

8Será que você está querendo
anular a minha justiça?
Ou me condenará,
para se justificar?”

Há uma acusação de Deus contra Jó aqui. O Comentário Bíblico Broadman diz “JÓ tinha caído no erro de julgar Deus para se vingar.”(OWENS e TATE e WATTS, 1987, p.277). Já CHAMPLIN fala

“Jó se apresentou como modelo de virtudes, mas suas amargas acusações o tomavam culpado de insolência teológica. Ele não era um transgressor, mas sua arrogância deixava atônitos os circunstantes, e o colocava em posição embaraçosa.”(CHAMPLIN, 2001, p. 2030)

Ambos os autores enxergam Jó beirava o pecado com suas acusações advindas de sentimentos amargos, já Purkiser que o erro de Jó estava em sua vontade de auto afirmação quando diz “A atitude que Deus estava testando em Jó era o desejo dele de manter sua própria retidão à custa da integridade e retidão de Deus”. (PURKISER, 2005, p.91)

Seja por um lado ou por outro, esses autores afirmam que Deus acusa Jó desse erro em sua fala. Basta saber se Jó de fato diz isso, no livro e é o que encontramos em Jó 19:6 e 24:1.

No primeiro texto Jó diz com todas as letras “Deus foi injusto comigo” e no segundo Jó diz que Deus não traz tempos de julgamento e que servos de Deus jamais veem a justiça de Deus ser aplicada.

Portanto a acusação de Deus contra Jó é sobre um ponto que Jó **de fato** falou, se Jó afirmou em 19:6 que Deus foi injusto com ele, nessa acusação já é impossível dizer o mesmo.

Jó fala algo que o próprio Deus vê como problema, ao mesmo passo que Deus afirma em 42:7 que Jó falou corretamente. Ou Deus é contraditório ou há algo sobre sua justiça que carece de melhor entendimento. Mas o que será que Jó entendeu sobre a afirmação de Deus? Qual será o foco de Deus na resposta a Jó? Estas respostas podem lançar luz a discussão.

1.2: A resposta de Jó a Deus.

Como será abordado no próximo capítulo, alguns autores apontam não ser claro o objeto do arrependimento de Jó. Outros afirmam que as motivações de Jó

para o arrependimento estão em seu orgulho, mas esse elemento não está explícito no texto.

A dificuldade apontada por eles se dá ao fato de que Jó não confessa qualquer pecado, para que, dele se arrependa. Também é possível perceber no texto que Jó, não dá um motivo de arrependimento, mas sim um local ou forma como aparece no versículo 6 “no pó e na cinza”.

Essas questões atrapalham uma investigação cautelosa do texto. Mas ela também tem um problema de origem, que é partir do pressuposto de que Jó se arrepende.

A palavra traduzida como arrependimento no v.6 é particularmente problemática, como a pesquisa pretende demonstrar. Além disso, a construção de ideias na resposta de Jó, parece indicar resolução e não angústia.

1.2.1 Os problemas da tradução de Jó 42v6.

O verbo *Naham* ou *Nichem* aparece 65 vezes como consolar e apenas 40 como arrepende⁴ logo o uso comum da palavra não é o que as traduções trazem. Em diversos versículos que ele é traduzido como “arrepende” tais como Gênesis 6:6⁵ geram problemas teológicos graves.

A preposição que começa o versículo exige complemento de sentido anterior, e não há culpa no verso 5, mas sim maravilhamento.

Jó nada mais pede a Deus, ele parece estar consolado, ao mesmo tempo que ele não vê problema em interceder por seus amigos e como vimos no verso 3 Jó se encontra maravilhado diante de Deus então é natural que ele não expresse apenas sentimentos negativos, mas sim positivos perante Deus.

Não há neste versículo, nem em qualquer outra parte do livro uma confissão de pecado do qual ele se arrependeria, ao mesmo tempo que a angústia de Jó é tema do livro inteiro e está sim buscava ser saciada.

É contraditório ao livro que Jó só tenha recebido alívio quando recebeu de volta seus bens materiais, visto que isto confirmaria o argumento de Satanás. Também é fato de que em momento algum do livro essa foi a busca do personagem,

⁴ <https://spurgeononline.com.br/artigos/arrependimento-divino/>

⁵ Então, se arrependeu Jeová de ter feito o homem na terra, e pesou-lhe em seu coração.

o que ele ansiava era por encontro com o criador e pelo momento de apresentar sua queixa diante dele.

Por estas razões e pela análise **dos comentaristas** no próximo capítulo, o termo que melhor satisfaz o contexto imediato e global deste livro é alívio e não arrependimento.

Contudo se permanece o entendimento de que Jó se arrependeu, este não faz menção a percepção de pecado, mas de ignorância, por ter dito coisas sem conhecer a Deus de forma completa e não conseguir então perceber o agir de Deus em sua vida.

1.2.2 Tradução da resposta de Jó.

Pareceu bem, visto os problemas descritos no ponto anterior traduzir toda a resposta de Jó e com esta tradução será feita a análise e esboço da narrativa. (O passo a passo da tradução encontra-se no Apêndice A)

“ Eu sei, que tudo você pode, e não se removem ou frustram seus planos.
Quem é este que se levanta contra minha sabedoria, sem nenhum conhecimento?
Na verdade, falei e não entendia, as maravilhas maiores do que eu podia entender e não as percebi.
Ouça-me agora e eu falarei. Te perguntarei e você me ensinara Te conhecia de orelha, mas agora os meus olhos te veem.
Acerca disso, verdadeiramente repúdio e consolo-me em pó e cinzas”(Jó 42:2-6)

Assim a construção de ideias da personagem ficaria no seguinte formato:

42v2: Reconhecimento da soberania de Deus sobre todas as coisas.

42v3: Jó reconhece sua própria pequenez de entendimento, ao mesmo tempo que exalta a sabedoria de Deus, em sua maravilha e excelência.

42v4: Jó retoma a pergunta que Deus lhe faz anteriormente quando esse ainda acreditava ser sábio, para se colocar agora em seu lugar de humildade

42v5: Nesse ponto Jó declara finalmente conhecer a Deus

42v6: E é por causa de reconhecer sua limitação ao mesmo tempo que conhece a infinitude de Deus que Jó deixa seu orgulho de lado e se humilha quando respira aliviado em pó e cinzas, pois seu criador estava diante dele e agora demonstra que não estava surdo a sua voz, pelo contrário, Ele esperava o momento certo de com Jó falar.

1.3 : Análise do texto

Com a tradução pronta fica melhor a análise de cada um dos pontos do trecho. se a pergunta tema deste trabalho foca na diferença do tratamento divino a Jó e a seus amigos então passaremos a análise da compreensão da interação das personagens nesse trecho.

1.3.1 Jó sobre Deus

42v2 Deus é soberano e infalível⁶

42v3 Maravilhosamente incompreensível⁷

42v 5 Alguém que ele agora conhece, numa dimensão mais profunda, do que antes

Na maior parte do livro Jó deseja confrontar Deus, mas quando esse está diante dele nada disso acontece. Aquilo que Jó faz é reconhecer a soberania de Deus e reconhecer em louvor a grandiosidade de suas obras.

No verso 5 mesmo falando sobre Deus o foco de Jó é, na verdade, em si mesmo pois suas falas não levantam aspectos do divino a não ser uma contraposição de sua visão anterior com a atual.

Se não há mais reclamações, no lugar dela há espaço para louvor, então Jó se sente consolado, sua angústia e revolta desapareceram.

1.3.2 Jó sobre si mesmo

42.2 Eu sei que Deus é soberano

42.3 Falei do que eu não conhecia, não sou capaz de entender, eu não compreendia

⁶ תּוֹכֵל לֹא-יִבָּצֵר, ver também apêndice A

⁷ נִפְלְאוֹת מְמִנִי וְלֹא אֲדַע, ver também apêndice A

42.5 Eu não te conhecia, agora o conheço melhor

42.6 Me abomino, me humilho, me consolo ou me arrependo ou reconheço-me em pó e cinza

Quando Jó fala de si mesmo nesse trecho, nos versículos 2 à 5 a ênfase sempre é sobre seu conhecimento. No verso 2 é algo que ele sabe sobre Deus, mas aqueles que se seguem são sobre a falta desse conhecimento e sobre o conhecimento que vem desse encontro com Deus.

Já quando chegamos no verso 6 esse começa com uma conclusiva, portanto os sentimentos que surgem nesse versículo precisam estar relacionados a esses.

O abominar-se pela ignorância, o humilhar-se pelo reconhecimento dela, sobre o último verbo se arrependimento é sobre ser ignorante, se reconhecimento, também é dela. Se, porém, for consolo, este vem do conhecimento que agora ele adquiriu ao ser confrontado por Deus.

Também por esse viés não há mais queixas de Jó, ele não se sente injustiçado, nem pede a Deus motivos, também esses clamores são saciados por conhecer a Deus.

1.3.3 Deus, sobre Jó e seus amigos

“A minha ira se acendeu contra você e contra os seus dois amigos, porque vocês não falaram a meu respeito o que é reto, como o meu servo Jó falou. Agora peguem sete novilhos e sete carneiros, e vão até o meu servo Jó, e ofereçam holocaustos em favor de vocês. O meu servo Jó orará por vocês, e eu aceitarei a intercessão dele, para que eu não os trate segundo a falta de juízo de vocês. Porque vocês não falaram a meu respeito o que é reto, como o meu servo Jó falou.”(Jó 42v7-8)

Este é o único trecho no qual Deus fala com os amigos de Jó, e nele conseguimos destacar o posicionamento de Deus em relação a todos os personagens envolvidos. O primeiro sentimento demonstrado por Deus é ira e esta é contra os amigos de Jó.

Essa ira é por causa das palavras desses amigos, logo Deus é taxativo ao afirmar que tais amigos pecaram sim com suas falas. Tais falas acusadas nesse versículo não são sobre Jó, mas sobre Deus, portanto a acusação de Deus não é sobre as ofensas que esses amigos fizeram a Jó, mas sim, sobre o que eles disseram sobre o próprio Deus.

A frase “Você e seus dois amigos não disseram o que era reto sobre mim, como meu servo Jó.” aparece duas vezes, uma em cada versículo, por essa razão se entende que Deus quer reforçar esses pontos, o primeiro, vocês não falaram o que era reto sobre mim, porém Jó falou.

O sacrifício pedido por Deus a eles é de novilhos e carneiros. Sacrifícios similares aparecem em Número 7v27 e 87 , Números 29v5 e Levítico 16v6. Em cada uma delas a oferta é sobre o pecado. Também sobre os sacrifícios há uma contraposição entre Jó e seus amigos. Enquanto Jó aparece como servo e sacerdote, seus amigos são apresentados como aqueles que precisam ser perdoados para não sofrerem a justiça divina sobre sua falta de juízo no falar, como também afirma o comentário Moody

Convenientemente, o remédio consistia em que Jó fosse seu mediador oferecendo sacrifício, quer era uma maneira de expressar arrependimento público no AT(v.8). A proporção das ofertas era de acordo com o status dos ofensores e a solenidade da ocasião (cf. Nm 23 e segs.). Jó está vingado, e os amigos, repelidos, mas de tal maneira que os amigos são perdoados por Jó e também por Deus. Pois a própria forma da vindicação de Jó o privilégio de orar por aqueles que o usaram maldosamente (cf. Ez 14:14-20). O reconhecimento vindicador de Jó da parte de Deus, como meu servo, veio ao encontro da fé de Jó em seu Remidor celestial e antecipou o escatológico, "Muito bem, servo bom e fiel" (Mt 25:21 e segs.). Mais ainda, foi a confirmação do original motivo do orgulho de Deus diante de Satanás (Jó 1:8; 2:3) que assim coroa o Seu triunfo sobre o mal.(PFEIFFER, 2017, p.806)

Jó é posto mais de uma vez na posição de justiça, enquanto seus amigos por mais de uma vez são apresentados como pecadores. Deus reforça a justiça de Jó em oposição a seus amigos. Não há qualquer repreensão, condenação ou necessidade de sacrifícios da parte de Jó.

Seria possível, no entanto, pressupor que Deus não se ira contra Jó pois esse já havia se arrependido, porém em momento nenhum isso é dito por Deus.

O comparativo é sobre o que eles falaram sobre Deus e não há qualquer outra motivação no texto pela qual Jó seria inocentado. Além disso, em momento nenhum do livro existe uma declaração da ira divina contra Jó. As falas de Deus para Jó são bem mais longas que a de seus amigos, mas não há nelas o sentimento de ira, então mesmo antes do possível arrependimento de Jó Deus não estava, com ele, irado.

1.4 : Conclusões sobre as observações do trecho

No primeiro ponto (1.1) desta pesquisa que Deus acusa Jó de algo que está presente em seus discursos, dessa forma há sim problemas no discurso de Jó, sobre os quais ele poderia ser considerado culpado.

Quando se olha para a resposta de Jó a Deus (1.2), percebe-se que a personagem reconhece falar sobre aquilo que não conhecia e que isso lhe gerou abominação. Ao mesmo passo que Jó demonstra louvor e não volta a fazer qualquer crítica ou mesmo levantar questionamentos a Deus, mostrando que sua angústia fora aliviada.

Na fala de Deus, aos amigos de Jó, é afirmado que eles pecaram enquanto Jó não o fez. Que existe ira sobre os amigos de Jó, esta ira será saciada quando estes oferecerem sacrifícios por meio de Jó, e que as orações de Jó, e não de seus amigos, são aceitáveis ao Senhor.

Fica a pergunta então de porque Deus, mesmo apontando os erros de Jó no seu falar, não os considera pecado, enquanto para os amigos de Jó esse pecado é imputado?

Para tentar responder esta pergunta, a pesquisa buscará descobrir o que outros intérpretes desse texto já nos trouxeram sobre esse pequeno trecho no próximo capítulo. Ao fim dessa análise se formulará uma hipótese de resolução e os critérios para sua validação.

CAPÍTULO 2: COMO O TRECHO JÁ FOI INTERPRETADO

2.1 O Filtro da análise

Existe antes de adentrar a qualquer discussão sobre quais teólogos nos apoiarão melhor na explanação do tema, uma explicação de critério

“O que logo fica claro é que a disputa de extrema importância na narrativa não é entre Jó e seus conselheiros nem mesmo entre ele e Deus, mas entre Deus e Satanás a respeito da questão de soberania”(MERRILL, 2009, p.588)

Esse ponto importante que também será trazido por Mackenzie é o pano de fundo, embora nossa pergunta tema pense numa comparação entre Jó e seus amigos, o fato é, se Jó peca em qualquer momento do livro Satanás teria vencido sua disputa contra Deus. Se Satanás vence esta disputa a narrativa se torna incoerente com aquilo que ela se propõe.

Portanto todo e qualquer material que concluir que Jó pecou será considerado equivocado pois vai contra a própria proposta do livro e contra toda boa teologia, que pensa na interpretação do texto com base nele mesmo. Porém nenhum desses comentários será descartado, pois a lógica usada pelo autor na construção dos motivos permanece válida.

2.1.1 Dillard e Longman(198)

“A explicação de que Jó se arrepende com sinceridade de sua impaciência com Deus, não importando o quão correta fosse sua defesa contra os três amigos, é sem dúvida a interpretação certa do propósito original do livro e, certamente, enquadra-se de modo mais adequado numa atitude canônica de reverência a Deus. O fato de isso contrariar os impulsos contemporâneos para a autonomia humana não importa (v. Newell para uma defesa da abordagem tradicional à resposta de [ó]). Eu ainda poderia sugerir que o comentário feito por Deus de que Jó havia dito "de mim o que

era reto" (jô 42.7) refere-se especificamente ao arrependimento expresso por Jó em sua resposta às palavras de Javé"(DILLARD e LONGMAN, 2005, p.198)

Nesse ponto o objeto possível da falha de Jó tenha sido sua impaciência, ora impaciência não é por si só pecado, ela é mais próxima do sentimento de angústia, logo esse ajuste quanto ao propósito do livro que mostra o embate de Deus e Satanás, do qual Deus sai vitoriosos, não é quebrado.

O problema é que ele acusa Jó justamente daquilo que as escrituras vêm como sua virtude, a questão da paciência⁸. Portanto, essa é uma leitura, não está de acordo com as escrituras. Ele não chega a explicar a palavra abomino, nem fala sobre o verso 42v7 se não para lembrar que Deus afirma Jó falou "de mim o que era reto". Esse autor quer lembrar que o Senhor afirma a justiça de Jó no começo e no final do livro. Jó é justo, ainda não foi explorado os elementos de como e porque ele é visto dessa maneira, mas esse olhar deve guiar a investigação dessa pesquisa.

2.1.2 Pfeiffer e a perspectiva do confronto

Pfeiffer vê o arrependimento de Jó como certo.

Ódio santo contra sua própria corrupção é a consequência natural da confrontação do crente com o seu santo Senhor (cf. Is. 6:5). O filosófico "Por quê?" não fora respondido, mas Deus, pela condescendência de Sua vinda, assegurou a Jó a Sua preocupação benévola. Isto bastou para Jó.(PFEIFFER, 2017, p.805)

O motivo da satisfação de Jó, segundo ele vem da percepção de que sim Deus se preocupa com ele, portanto Jó estaria arrependido do que disse em Jó 16: 9 em que Jó afirma que Deus lhe odeia, 19:6 no qual ele afirma ter sido Deus injusto com ele 19:22 Deus me persegue 21:15 no qual Jó questiona se Deus deveria ser obedecido, e no 19 do mesmo capítulo chega a dizer que Deus executa juízo de maneira equivocada não apenas com ele mas a não castigar os perversos. Mas talvez, e principalmente, no capítulo 24 no qual Jó diz que ao que parece Deus não se importa com o sofrimento de ninguém.

⁸ Eis que consideramos felizes os que foram perseverantes. Vocês ouviram a respeito da paciência de Jó e sabem como o Senhor fez com que tudo acabasse bem; porque o Senhor é cheio de misericórdia e compaixão(Tiago 5:11)

Ainda segundo o autor “Nem negra calamidade nem visão desfigurada poderia desanimar Jó, mas sim a inacessibilidade de Deus e seu aparente fracasso em informar seu papel providencial com justiça”(PFEIFFER, 2017, p.787) logo, para o autor, aquilo que desanima Jó, não é a situação que se abate por ele, mas o não conseguir perceber Deus agindo em sua vida.

Não dissestes de mim o que era reto, como o meu servo Jó (v. 7c). Se elay^N fosse traduzido para a mim, haveria uma referência explícita à confissão de Jó. Mas mesmo tendo sido traduzido para de mim, parece necessário pensar primeiramente na confissão de Jó e na falta de tal arrependimento por parte dos amigos em resposta à teofania. Pois em termos da teologia expressa no debate deles, a diferença entre eles consistia simplesmente em uma questão de grau. As palavras de todos eles foram parcialmente censuráveis.(PFEIFFER, 2017, p.805)

Assim sendo para Pfeiffer tanto Jó quanto seus amigos erraram em suas suposições, a diferença no tratamento divino se dá pelo arrependimento. Isto posto embora para ele a pergunta tema de “Por que Jó não é repreendido, por Deus, com seus amigos?” pareça ser respondida, a contradição da fala divina e os erros de Jó permanecem.

Portanto não posso dar a investigação como resolvida, porém o da diferença quanto ao confronto é muito interessante. Jó quando confrontado com verdades que ele desconhecia ele muda sua forma de pensar, já os amigos dele, segundo Pfeiffer, permanecem em pecado.

2.1.3 Comentário Beacon e a incapacidade de Jó

Este comentário faz uma análise sobre o discurso de Jó, seu arrependimento e também trás relação entre o tratamento de Deus a Jó, e a seus amigos. Começando sobre a perspectiva do arrependimento.

“Do que Jó se arrepende? Dos pecados de que seus amigos o acusaram? De reivindicar uma integridade que ele não possui? Não. Ele se arrepende das suas acusações presunçosas contra Deus e especialmente do orgulho que essas acusações demonstraram.” (PURKISER, 2005, p.94)

O autor não vê a integridade de Jó sendo quebrada, mas enxerga nele outro tipo de pecado, o do orgulho. Mas, esse mesmo autor também traz. “O que Jó veio a conhecer é que os caminhos de Deus estão além da capacidade de compreensão

do homem. Portanto, Deus não pode ser censurado nem questionado em nenhuma circunstância da vida.”(PURKISER, 2005, p.94).

O ponto do autor é interessante, Jó falha por ser impossível, ao homem compreender a Deus, então quando Jó percebe sua incapacidade de entender a Deus ele se acalma, porém enquanto isso não era verdade Jó pecava ao presumir ser sábio o suficiente para entender sua própria realidade no mundo. O problema central com esse autor é quando ele comenta sobre a fala de Deus aos amigos dele.

“Deus não aprovou a atitude que Jó teve em relação a Ele, mas Deus também não aprovou a atitude dos três amigos no seu debate com Jó. Deus se dirige a Elifaz: A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos (7), porque o erro de vocês é mais sério do que o de Jó. Ele então os instrui a pedir que Jó ore (8) em favor deles. Isso foi feito, como o Senhor lhes dissera” (PURKISER, 2005, p.95)

As diferenças para Purkiser são no ângulo da intensidade, enquanto as falas de Deus estão na contraposição. Portanto, por melhor que seja a construção de Purkiser ela é bíblicamente contraditória, gerando assim a necessidade de maior investigação.

Apesar disso a percepção do autor sobre as incapacidade de Jó faz coro às conclusões demonstradas em 1.3.2 e ajudará na construção da hipótese de resolução bem como nas sub-hipóteses que a validam.

2.1.4 Francis I. Andersen, a ignorância de Jó

Jó está satisfeito. Sua visão de Deus foi expandida além de todos os limites anteriores. Tem uma nova apreciação do escopo e da harmonia do mundo de Deus, do qual ele é uma parte minúscula. Esta descoberta, no entanto, não o faz sentir-se insignificante. Simplesmente ao olhar para coisas comuns, reconhece que sequer pode começar a imaginar como seria a existência de Deus. O mundo é belo e aterrorizador, Deus está em todos os lugares, visto como poderoso e sábio, e mais misterioso quando Ele é conhecido do que quando é apenas discernido de modo pouco claro. O Senhor falou a Jó. Este fato em si só é maravilhoso além de todas as maravilhas. Jó cresceu em sabedoria. Está ao mesmo tempo encantado e envergonhado. Sua primeira expressão impetuosa e espontânea, tão diferente da reserva na sua resposta ao primeiro discurso, é uma expressão de admiração irrestrita (ANDERSEN, 1984, p. 290)

Pela abordagem de Andersen o sentimento geral de Jó em seu discurso é

satisfação. Jó, no encontro com o Criador, através das falas dele, se sente completo. Isso também é motivo de maior cuidado com os termos no original.

Segundo ele existem saltos interpretativos que os tradutores fazem incluindo “a mim mesmo” elemento que não aparece no original. Dessa forma, tanto o “abomino” quanto o “arrependo-me” precisam ser olhados com muita cautela.

Jó pode estar expressando pesar diante das suas palavras estultas, pronunciadas apressadamente e na ignorância (é assim que a TEV interpreta o trecho) — uma falta que merece correção, mas não uma perversidade que merece o castigo. Jó nunca diz: “Agora, finalmente, reconheço que mereci aquele castigo.” Se Jó se arrepende daquilo que disse, semelhante comportamento depois da catástrofe não pode ser o pecado que era alvo de punição. Esta descoberta poderia, no entanto, ser o crescimento espiritual que visava promover, e Jó agora reconhece isto. Muitas traduções alternativas da palavra “desprezar” têm sido propostas. É igualmente importante não compreender erroneamente a palavra me arrependo atribuindo-lhe um número exagerado de conotações de penitência por pecados que pesam sobre a consciência. A história inteira em colapso se fosse este o resultado final. Jó teria capitulado finalmente diante das exigências insistentes dos amigos no sentido de confessar seus pecados. Jó não confessa pecado algum aqui.(ANDERSEN, 1984, p. 291)

Dessa maneira ele levanta algumas hipóteses na primeira Jó sente grande pesar sobre as palavras ditas de forma apressada e sem o devido conhecimento. Na segunda Jó de fato se arrepende, mas não do pecado e sim da sua falta de maturidade.

Também é ressaltado que o livro seria uma grande contradição se Jó se arrependesse de qualquer pecado, além de frisar que em momento nenhum Jó confessa qualquer pecado. O único elemento levantado pelo autor na fala de Jó do qual talvez ele se arrependa é, segundo o autor, sua ignorância.

Quanto a fala de Deus aos amigos, esse autor não oferece tentativa de resolução apenas diz “É claramente pronunciado que Jó venceu o debate”(ANDERSEN, 1984, p. 291) não trazendo qualquer diferença sobre as motivações de Deus.

2.1.5 O caminho da verdadeira sabedoria em Jó por Claudionor de Andrade

Claudionor aponta como primeiro movimento de Jó a sua humilhação diante do Senhor. Para o autor, Jó finalmente compreende a soberania de Deus, os

questionamentos de outrora perdem a razão de ser. Sobre o arrependimento de Jó ele diz

“Ora, que pecado cometera Jó para fazer tal confissão? Não fora ele testado de todas as maneiras, e de todos os modos, provado? Por que semelhante confissão? E que somente nesta quadra de sua vida vem a reconhecer plenamente a soberania divina; qual barro nas mãos do oleiro, colocase ele à disposição do Senhor. J. I. Pacter, após haver discorrido sobre a humildade na vida do crente, escreve: “Só depois que nos tornam os humildes e ensináveis e permitimos extasiados diante da santidade e soberania de Deus, reconhecendo nossa pequenez, desconfiando dos nossos pensamentos e desejando ter a mente humilhada, é que podemos adquirir a sabedoria divina”. (ANDRADE, 2006, p.187)

Mais uma vez os autores não apontam pecado em Jó, e como fora abordado em 1.2.1 não há pecado confessado no texto do qual Jó possa vir a se arrepender. Mas Claudionor de Andrade não foca no arrependimento de Jó e sim em sua humilhação como um caminho para se obter a verdadeira sabedoria.

Ainda sobre o mesmo verso, o autor afirma que Jó se sente restaurado quando seu conhecimento sobre Deus deixa de ser um “de ouvir falar” e passa a ser uma experiência real com o Eterno.

Já no verso seguinte há um apontamento que merece destaque: "Algumas afirmações deles são realmente verdadeiras, e são repetidas no NT como é o caso de Jó 5:13 e 1Cor 3:19."(ANDRADE, 2006, p.136) Afirma ainda que a teologia e a cosmovisão desses amigos eram falhas. Mas o mesmo pode ser dito sobre Jó, o que faz com que uns sejam reprovados enquanto ele é aceito?

A contribuição do autor é quanto a percepção de quando Jó se torna sábio que é no ato de perceber não o ser entregando-se a Deus de quem a sabedoria provem.

2.1.6 Samuel Terrien o confronto com Deus

A confissão de Jó, em sua própria linguagem, se assemelha à de Isaías, em Jerusalém, quando ele liga à visão do Rei santo a descoberta da destruição de sua inocência (Is 6,5). A situação jobiana, nesse instante, é qualitativamente diferente da que é suposta por uma simples retratação ou mesmo por uma expressão de desprezo ou de ódio a si mesmo.⁶ É a reação do homem no encontro imediato não só com o "sagrado", mas também com o "Santo".⁷ A criatura é tomada por sua finitude quando recebe a revelação do infinito que cria. O homem descobre, assim, a fragilidade e a grandeza de sua existência na junção que separa o ser do não-ser e que, ao mesmo tempo, os une. Diante do Ser que ele reconhecia como a fonte e o motor de sua existência, Jó perde o desejo de afirmação de si mesmo. Ele tem então só uma frase a acrescentar: "sofro no pó e na

cinza".⁸ A ideia não é a do arrependimento, o *terminus technicus* do pensamento profético, judaico e cristão,⁹ porque Jó não admite que tenha cometido infrações contra a moralidade. É, pois, errôneo afirmar que o poeta, atribuindo esses versículos ao herói, admita *In fine* a tese defendida pelos amigos no diálogo. Apesar do caráter elíptico da frase, pode-se sugerir que Jó discerne uma nova dimensão do pecado, bem mais devastadora do que a ofensa moral ou a falta ritual. Compreende que seu crime é uma acusação titânica dirigida à divindade. Não recebe um veredicto de quitação e não o pede, mas não tem mais necessidade dele, porque a questão de sua integridade não lhe importa mais. Basta-lhe não ser condenado, e ser aceito tal como é. A atitude do herói não é, pois, negativa, como na resposta ao primeiro discurso de Iahweh (40,5-6). Ele está salvo de sua angústia porque não está mais alienado de Deus. (TERRIEN, 1994, p.301)

Terrien também colocou de forma enfática, Jó não se arrependeu pois Jó não admite qualquer pecado, ele compara a reação de Jó a de Isaias (Isaias 6v5) que no encontro com o Divino agora reconhece o quão pequeno é e sua alma se enche de temor.

Segundo ele o “arrependimento” não tem a ver com as palavras, mas com a sua indagação contra Deus. Quando Deus se apresenta suas necessidades desaparecem, o que ele quer agora é apenas não ser condenado por aquele que se manifesta diante dele. “Ele não se arrepende de uma culpabilidade moral, mas se converte de seu orgulho metafísico, que o levará a comparar Deus a um inimigo caprichoso e sem escrúpulos”(TERRIEN, 1994, p.301). Nesse ponto o autor começa a fazer apontamentos daquilo que seriam os objetos da repulsa de Jó.

Quanto ao verso 7, no entanto, segundo esse autor parece haver uma falta de homogeneidade literária. Pois o verso 7 parece ignorar tudo o que fora dito em 1-6 e de fato ao olhar o começo do versículo 7 temos “Depois que o SENHOR falou estas palavras a Jó, o SENHOR disse também a Elifaz, o temanita.” mas no trecho anterior quem falava era Jó. Isso pode ser explicado tendo como ponto de vista a ação de Deus, pois Deus não executa ação durante a fala de Jó, assim a próxima ação de Deus de fato é se dirigir aos amigos de Jó.

Os amigos não estavam totalmente errados quando acusaram Jó de *hybris* (cf. 15,7 etc.), se bem que tenham errado a respeito de sua integridade moral; do mesmo modo, Jó não disse a verdade a respeito de Iahweh,¹⁷ o que os Discursos de Iahweh dão a entender sem ambiguidade(TERRIEN, 1994, p.301)

Apesar dessa parte o autor afirma nem Jó estar totalmente certo nem os amigos de Jó estarem totalmente errados, excetuando o fato de que os amigos

tenham errado quanto a integridade moral de Jó. O mais interessante a pesquisa é o relacionamento que ele faz com a fala de Deus.

Se Deus repreende Jó por algo em suas falas e ainda assim não condena a personagem pelo que ela fala, então quando Deus acusa Jó o alvo da acusação pode ser um erro mas este não é visto como pecado. Então há algo no cerne das falas de Deus a Jó que indicam seu erro e este erro não pode ser, de maneira nenhuma o mesmo motivo do erro de seus amigos. Ao encontrar esse elemento encontrasse o porquê Deus tratou Jó e seus amigos de maneiras diferentes.

2.1.7 Comentário Bíblico Broadman: Ignorância

“O tolo não hesita em enfrentar coisas maravilhosas, mas um homem como JÓ deve saber melhor”(OWENS e TATE e WATTS, 1987, p.286). Jó então age como um tolo por falar precipitadamente sem primeiro analisar cada um dos pontos e sobre esse sentimento ele se refere no verso 6.

O versículo final da resposta de JÓ é v. 6 . Infelizmente, este versículo não é fácil de entender em todos os seus detalhes. Não há nenhum objeto no hebraico após o verbo na v. 6 a. O eu próprio é adicionado, como a KJV indica claramente. No entanto, também é possível que possamos entender "minhas palavras" como o objeto: "Portanto, eu rejeito (ou retiro) minhas palavras". Provavelmente menos provável, mas não deve ser demitido com muita rapidez, é a extensa argumentação de Dhorme (pp 100,107, 646, seguido por Terrien, pág. 1193, NEB), que o verbo deve ser entendido como "fluir" ou "derreter" (ver 7: 5 , 16 , também Salmo 58: 8). A tradução resultante seria semelhante ao NEB: "Portanto eu derreto" (OWENS e TATE e WATTS, 1987, p.287).

Os autores apontam que o primeiro verbo do versículo 6 indica que este deve ser entendido como “fluir ou derreter” a palavra é *Hammat* que literalmente quer dizer rio quente, quando transformada em forma verbal a combina muito com a indicação do autor. Apesar de estranha, em comparação com a maioria das traduções em português, tem sentido semântico.

Não apenas na abertura de significados possíveis à palavra, mas ao próprio contexto desse versículo. Desde 42v2 o movimento da resposta de Jó é uma exaltação de Deus e uma diminuição do eu, enquanto Deus é exaltado Jó derrete. Derretimento esse que termina em pó e cinzas, símbolos de auto humilhação como já fora defendido por outros autores que já foram abordados neste capítulo.

Sobre o segundo verbo do verso 6, assim como vimos em 1.2.1, esses autores relembram que *Naham*, não é normalmente utilizado para arrependimento humano no Antigo Testamento, embora não seja impossível. No entanto, ele argumenta, que se defendermos o ponto do arrependimento precisamos nos lembrar que Jó não foi acusado de pecados éticos ou de injustiça pessoal.

Se, porém, assumirmos o segundo verbo como um suspiro de alívio, conforme eles argumentam o livro harmoniza em seu propósito geral e também nos específicos de cada uma das personagens. Jó encontra alívio conforme buscava, não peca declarando então a vitória de Deus sobre toda a disputa que gera o conflito e ainda é consolado, como fora o propósito dos amigos em 2v11.

O arrependimento de v. 6 b não é a palavra normal usada no Antigo Testamento para o arrependimento por parte dos seres humanos, embora possa ser usada com essa conotação. O verbo tem dois significados básicos de sua idéia raiz de "respirar pesadamente" ou "suspiro": (1) sofrer ou lamentar e, portanto, desculpar por alguma ação, portanto, se arrepender; ou (2) dar um suspiro de alívio e assim ser consolado ou aliviado. O suspirar de JÓ poderia ser o arrependimento, como a maioria das traduções levam a ser. Há então a questão da natureza do arrependimento de JÓ. Ele não foi acusado de pecados éticos ou de injustiça pessoal. A resposta sucinta de Terrien é altamente satisfatória se esta interpretação for escolhida: "Ele não se arrepende da culpa moral, mas de uma exibição imprudente de desconfiança" (pág. 1193). Mas há muito mérito e, pelo menos, uma verdade sugerida ao tomar os sussurros de JÓ no segundo sentido de ser aliviado e consolado: "e eu sou confortado com poeira e cinzas". O verbo na forma utilizada pode significar "ser confortavelmente" (por exemplo, 2 Sam. 13:39 ; Ez. 14:22 ; 32:31 ; e o infinitivo no Salmo 77: 2 , Jeremias 31:15). O conceito de conforto aqui se relaciona muito bem com o papel dos amigos em 2:11 que veio "confortar" JÓ. Mas eles falharam em sua missão, como JÓ lhes declarou em termos inequívocos (16: 2 , cf. 21:34 ; 7:13 ; 15: 11 ; 21: 2 ;29:25 ; 42:11). O que os amigos não conseguiram fazer, o Senhor fez. JÓ é consolado - ainda "em pó e cinzas" (OWENS e TATE e WATTS, 1987, p.287)

Sobre 42:7 ele diz:

"A ira de Deus era sobre os três amigos porque eles não tinham falado o que é certo como JÓ tinha. As acusações que lançaram tão fortemente a JÓ

foram tentativas piedosas de defender sua posição teológica em vez de defenderem Deus. O direito tem o significado de ser estabelecido, fixo ou determinado de forma segura. A filosofia sobre a qual os amigos baseavam seus argumentos era antiga, mas não foi fundamentada ou firmemente apoiada.”(OWENS e TATE e WATTS, 1987, p.288)

Se Deus é colocado de lado em nome de uma teologia, esta teologia necessariamente está equivocada. Na análise do argumento destes autores sobre a pergunta tema conclui-se que Jó não é repreendido pois ele mesmo não peca, não há em seu discurso arrependimento e sim humilhação e alívio. Os amigos de Jó, no entanto, pecam por defender sua teologia acima do próprio Deus, assim sendo eles falam contra Deus na forma que fazem sua defesa.

A resposta deste autor é coerente e coesa, no entanto precisamos pensar, Jó aqui não peca em palavras por sua ignorância, ele age como um tolo, mas não chega a pecar. Será que o mesmo não pode ser alegado sobre seus amigos?

2.1.8 Wiserbe a hipocrisia dos amigos.

Wiserbe para analisar o discurso de Jó começa apontando as falas de Deus, os questionamentos serviram para que Jó percebesse o que ele deixou passar e não para acusar pecados. O autor também assinala a diferença do julgamento de Jó por Deus e por seus amigos. Enquanto estes criam mentiras Deus age para corrigir Jó. “O resultado desse questionamento? Jô humilha-se e arrependesse (42:1-6). Deus não acusa Jó dos pecados que seus amigos o acusaram de ter cometido, mas acusa-o por não se ver à luz da grandeza e da majestade do Senhor.”(WIERSBE, 2008, p.462)

O autor acrescenta, em outro comentário, que aquilo que Jó admitiu ter falado sobre coisas que não entendia⁹ portanto, como na maioria dos comentários os autores sempre levantam esse ponto, que é o ponto mais explícito do texto.

“Até então, o conhecimento de Jó acerca de Deus havia sido indireto e impessoal, mas isso havia mudado. Jó havia se encontrado com Deus pessoalmente e se dado conta de que ele próprio não passava de pó e cinzas”(WIERSBE, 2008, p.462)

⁹ Comentário Bíblico expositivo volume 3 pag 83

Sobre o verso 7 ele afirma “O Senhor deixa claro que todos os argumentos deles são errados. Eles não entendem nem o Senhor nem Jó.(WIERSBE, 2008, p.463)” Então Wiersbe diz que a falta de empatia dos amigos de Jó é parte do problema.

E aqui ele levanta o problema da hipocrisia, pois os amigos de Jó o acusaram de ser impiedoso com os necessitados, coisa que no livro por diversas vezes eles fazem contra Jó que está em extrema necessidade. Para este autor a diferença entre Jó e seus amigos está então na forma que olham. Ao mesmo tempo ele percebe Jó sendo confrontado por Deus e mudando de atitude, enquanto vê os amigos sustentando sua teologia de forma hipócrita.

A hipocrisia dos amigos pode ser a grande diferença do tratamento divino, porém para Jó a ignorância é alegada. Se for possível mostrar textualmente que os amigos foram alertados dela e ainda assim pecaram então essa pesquisa encontrará resposta satisfatória a sua investigação.

2.1.9 Mackenzie e a acusação de Jó

Nesse comentário o autor levanta a hipótese de Jó não ter se arrependido. Os argumentos levantados por MACKENZIE(2007, p.964) são:

- 1º Jó não indica sobre o que se arrepende.
- 2º Jó não pode até o momento anterior dizer “não pequei” e imediatamente depois dizer “me arrependo dos meus pecados”.
- 3º Dizer que Jó pecou ou falhou em suas palavras durante todo o livro é contrário a todo o desenvolvimento da narrativa e o propósito da escrita.
- 4º O Veredicto de Deus é: Jó falou corretamente.

A ideia desse autor é interessante, da forma como está na primeira análise não a contradição entre o arrependimento de Jó e a aprovação de Deus se resolvem, porém surge um novo problema surge. Qual o alvo do primeiro verbo do verso 6?

Para o autor “Jó renúncia os erros que tinha cometido e confessa que a maneira e os planos de Deus estão infinitamente além de sua compreensão.”(MACKENZIE, 2007, p.964) portanto a tristeza de Jó vem por falar

sem conhecer a Deus de forma completa, que segundo este autor então seria um erro, mas não imputa a Jó qualquer pecado.

Existe aqui uma tentativa de resolução interessante ao tema. Jó não é considerado pecador nem por si mesmo, nem por Deus, pois ele ainda era capaz de conhecer a Deus.

Quanto aos amigos Mackenzie diz

A doutrina deles, as conclusões a que chegaram e as acusações contra Jó eram todos falsos; seu fanatismo e impiedade (através dos quais pensavam estar defendendo Deus e a Sua justiça) eram culpáveis e provocaram a raiva de Deus. O aviso de Jó em 13,7ss. é verificado.(MACKENZIE, 2007, p.964)

As ideias de Mackenzie se somam as de Wiserbe, contudo este nos dá um ponto de partida para investigar a contradição dos amigos dele que é o aviso de Jó em 13v7. Pois se Jó alerta seus amigos sobre o pecado que eles cometeriam em suas acusações então não se pode alegar ignorância.

2.2 Síntese do pensamento dos autores

Para Owens, Dillard, Terrien e Wiserbe é ponto pacífico: Jó não pecou em qualquer momento do livro. Mackenzie ainda reforça que qualquer entendimento de que Jó tenha pecado é contraditório ao Livro. Ainda nos mesmos autores e também Purkiser quando levantamos os sentimentos negativos de Jó, seja o abominar ou arrepender, os motivos sempre tem a ver com a ignorância, seja por aqueles que apontam de forma direta ou na forma de precipitação e presunção.

Pfeiffer aponta bem que sim há erros inegáveis nas falas de Jó, assim como nas falas dos amigos dele. Se Jó falou por precipitação, presunção ou ignorância, como os demais autores afirmam, então eles também não reconhecem o erro de Jó.

Terrien, por sua vez, reforça o argumento levantado no capítulo anterior de que arrependimento não é a descrição precisa daquilo que Jó sentiu. Sua ideia de alívio se soma a Claudionor de Andrade quando este aponta para o momento da restauração de Jó, que acontece quando este está diante do criador e finalmente o conhece.

Ou seja, o fim da ignorância é o fim da angústia e resultam no fim das reclamações. Ao conhecer a Deus toda fala reprovável desaparece e aquelas antes de tal conhecimento não parecem ter peso.

Quanto aos amigos de Jó Pfeiffer e Wiserbe apontam a impiedade deles. PFEIFFER diz ainda que a diferença entre eles e Jó é o arrependimento. TERRIEN vai por um caminho diferente, pois faz questão de apontar que os amigos de Jó não estão totalmente errados, porém suas falhas são morais. O erro então estaria na intenção do coração ao falarem o que se soma ao pensamento de Owens que fala que o erro deles vem da intenção teológica, por quererem defender Deus se esquecem de seus princípios e agem de forma contraditória a moralidade do Deus ao qual eles acreditam estar defendendo.

Sendo assim, “Deus não levou em conta os tempos da ignorância” (Atos 17:30) de Jó mas pesou seu coração conforme aquilo que ele conhecia e por isso seus atos foram postos como justos, apesar das possíveis falhas em seu período de ignorância.

Os amigos de Jó falham ao tentar defender Deus por suas falas demonstraram uma moralidade incompatível com a de Deus. Assim quando encontraram uma realidade que desafiava sua teologia por quererem mantê-la falharam com Deus.

A questão de forma geral parece respondida, porém ainda não é possível dizer que os amigos de Jó não podem ser desculpados por ignorância. Para que a pesquisa possa afirmar que não há diferença no julgamento divino, se uma regra vale para Jó ela também vale para seus amigos.

A hipótese de resolução então é essa. “Jó é justo, pois dentro de tudo que poderia ser esperado dele não houve pecado, seus amigos, por outro lado, pecam de forma consciente e, por isso, são repreendidos por Deus”.

Essa hipótese, no entanto, depende de pressupostos, que são:

1 Os sentimentos negativos de Jó são sobre sua ignorância:

Sem esse ponto, a hipótese é incoerente. Porém esse ponto já foi abordado no primeiro capítulo, da exegese do texto, e foi amplamente defendido pelos autores citados neste segundo capítulo, dando a esse pressuposto a condição de plausível.

2 As falas de Deus a Jó são sobre sua incapacidade de conhecê-lo:

A primeira hipótese nos ajuda a entender o personagem, já a segunda o agir de Deus, bem como saber se este a resposta de Jó é coerente com a fala de Deus a ele. Nesse ponto também se Jó agiu de forma correta após sua advertência isso nos leva ao ponto da diferença do nosso estudo e nossa terceira hipótese

3 Os amigos de Jó, conscientes que sua impiedade é contra Deus, mesmo assim a mantém.

É possível lançar o ponto a ignorância sem esse ponto, no entanto se este ponto pode ser alegado pelos amigos de Jó então toda a argumentação trabalhada se demonstra inútil a pergunta, visto que Deus agiria de forma diferente independente desse aspecto, logo ele não pode ser alegado como motivação.

Porém se ele é afirmado então a justiça de Deus se torna evidente no texto. Diferente daquilo que Jó afirma, sobre Deus ser injusto¹⁰. Deus demonstra usar exatamente o mesmo critério com todas as personagens do texto.

Esses dois aspectos serão abordados no próximo capítulo.

¹⁰ Jó 19:6 “então saibam que Deus foi injusto comigo e me cercou com a sua rede.”

CAPÍTULO 3: TESTE DAS HIPÓTESES

No capítulo anterior foi definida nossa hipótese de resolução da nossa questão. Jó é justo, pois dentro de tudo que poderia ser esperado dele não houve pecado, seus amigos, por outro lado, pecam de forma consciente e, por isso, são repreendidos por Deus.

Nesta hipótese Deus considera, não apenas nossos atos, mas também, nossa capacidade de agir corretamente ou não. Mas para firmar essa hipótese foram levantadas três sub- hipóteses, que, se confirmadas, fortalecem a hipótese principal. Se, porém, qualquer uma delas é negada então se conclui que a hipótese é falsa.

3.1 Os sentimentos negativos de Jó são sobre sua ignorância.

A primeira sub-hipótese (Os sentimentos negativos de Jó são sobre sua ignorância.) já foi desenvolvida em 1.3.2. Ao introduzir esse assunto ele levanta uma fala do próprio Deus(38v2) essa é a primeira palavra que Deus dirige a Jó dizendo que ele não tem conhecimento daquilo que fala. Na análise do discurso de Deus Anderse “Seu efeito original de inculcar em Jó o reconhecimento da sua própria ignorância não visa humilhá-lo. Pelo contrário, a mais alta nobreza de cada pessoa é ser matriculada desta maneira pelo próprio Deus na Sua escola de Sabedoria.”

Assim, todo o discurso de Deus tem por objetivo fazer com que Jó entenda que não entende sobre aquilo que fala. E, pela declaração de Jó, parece que ele entendeu o recado, como afirma também Mackenzie “Jó renuncia os erros que tinha cometido e confessa que a maneira de Deus agir bem como seus plano estão infinitamente além da sua compreensão”.(MACKENZIE, 2007, p.964)

Não fosse o bastante a afirmativa do v3 Jó mostra, no v5, que o entendimento de Deus que ele possui agora é superior ao que anteriormente possuía. MACKENZIE(2007, p.964) diz que é muito diferente Jó em seu estado anterior do que agora quando vê Deus “frente-a-frente” e que as palavras de Deus não são aquilo que ele esperava, mas isso não importa pois o seu ser se satisfaz.

Se olharmos para isso, a própria satisfação de Jó também atesta seu reconhecimento da ignorância passada, pois se antes ele acreditava precisar de

uma resposta e agora frente a Deus os questionamentos nem sequer fazem sentido, Jó então amadurece no encontro com o Eterno.

É a essa exaltação de Deus, mediante ao maravilhamento de sua nova perspectiva que faz com que Jó chegue à conclusão do versículo 6.

Sendo assim, o primeiro pressuposto da hipótese encontra respaldo sólido no próprio discurso de Jó.

3.2 A fala de Deus a Jó foi sobre sua incapacidade de compreendê-lo

Há duas falas de Deus em direção a Jó, nos capítulos 38 e 40, as quais são respondidas em 40:3-5 e 42:2-6.

Sendo este ponto plausível há um grande reforço para nossa tese central e um grande passo de harmonização entre o propósito do livro, os trechos em poesia e em prosa. Além disso, a figura de um Deus furioso que fala da tempestade ganha o aspecto da paternidade, Deus não falaria então apenas para confrontar Jó, como seus amigos haviam feito, ele viria com a intenção de ensiná-lo.

Será feita uma análise breve dos trechos e o que os comentaristas dizem sobre eles.

3.2.1 A primeira fala de Deus a Jó

A abertura da primeira fala é bem direta: “Quem é este que obscurece os meus planos com palavras sem conhecimento?”(Jó 38:2).

O primeiro aspecto é bem direto, Deus diz que há nas falas de Jó ignorância, Jó falou daquilo que ele não conhecia. No versículo 4 vem um novo desafio colocando a questão do conhecimento “Onde você estava, quando eu lancei os fundamentos da terra? Responda, se você tem entendimento”. E mais uma vez no versículo 18 “Você tem noção clara da largura da terra? Responda, se você sabe tudo isso.”

Há ainda, neste capítulo, outras perguntas que tem como alvo o conhecimento de Jó, que podem ser encontradas nos versículos

17,19,20,24,25,36,41. Elas continuam no próximo capítulo, ainda na primeira fala de Deus nos versículos 1, 2 e 26.

No capítulo 39 Deus descreve 7 animais, a cabra, o jumento, o boi, a avestruz, o cavalo, o gafanhoto e a águia. Sobre seis deles Deus faz perguntas que mostram a limitação de Jó, mas no animal do meio, na avestruz não há pergunta, é precisamente nesse que a retórica dá lugar ao ensino e o ensino é sobre o conhecimento e sabedoria vale destacar o seguinte trecho sobre ela.

“Embora seja em vão o seu trabalho, ela está tranquila, porque Deus lhe negou sabedoria e não lhe deu entendimento”. Deus aqui parece dizer que o negar do conhecimento também faz parte da provisão divina. Uma outra forma de entender o mesmo trecho seria: Para que ela viva tranquila Deus lhe negou conhecimento.

A ausência de conhecimento é a ausência de preocupação, Deus parece usar a avestruz como uma metáfora a Jó. O personagem que dá nome ao livro é apresentado como um pai cuidadoso em Jó 1:5, Jó entende a importância do cuidar dos filhos, a avestruz não. No olhar de Jó para a avestruz toda a falta de cuidado dela é evidente, bem como a loucura de seu bater de asas mesmo sem poder voar, no entanto ela mesma é totalmente incapaz disso de perceber qualquer uma dessas coisas, assim como a relação de Deus e Jó, o óbvio para Deus é muito além da compreensão de Jó. Mas o senhor exalta a velocidade dessa ave, apesar de sua falta de conhecimento, exatamente como faz sobre a justiça de Jó, apesar de suas faltas óbvias. Deus não deixa de enxergar as faltas de suas criaturas, mas as considera com base em suas capacidades.

Sobre a primeira fala BEACO diz

“As perguntas mostram que Jó não tem conhecimento, de primeira mão, de como a terra foi formada. Ele sabe quem a fez, mas ele não estava presente para ver como ela foi feita.” e também “Deus desarmou Jó com referência aos sistemas ordenados da natureza que estão além do poder controlador de qualquer homem. Ele não consegue compreendê-los inteiramente.”(PURKISER, 2005, p.89)

Portanto ele vê clara intenção de Deus em mostrar a falta de conhecimento de Jó. Wiserbe concorda dizendo

“Jó estava certo de que seus discursos haviam sido repletos de sabedoria e de conhecimento, mas a primeira pergunta de Deus pôs fim a essa ilusão: "Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento?" (Jó 38:2), ou seja: "Por que está usando sua ignorância para negar minha JÓ 38 - 42 79 providência?" Deus não questionou nem a integridade nem a sinceridade de Jó, mas apenas sua

capacidade de explicar como o Senhor opera no mundo. Jó havia falado a verdade a respeito de Deus, mas não percebeu quanto não sabia sobre Deus (42:7). Ter conhecimento de nossa própria ignorância é o primeiro passo para a verdadeira sabedoria.”(WISERBE, 2010, p.78-79)

Segundo CHAMPLI:

“Suas palavras foram multiplicadas, mas lhes faltava sabedoria, e Jó seria severamente repreendido por sua exibição de ignorância, às expensas da reputação de Deus diante dos homens. Por esse motivo o discurso divino começou com uma reprimenda.”(CHAMPLIN, 2001, 2018)

Logo o autor reconhece a falta de sabedoria de Jó durante todo o livro, ao mesmo tempo que coloca como o primeiro alvo das falas de Deus essa mesma ignorância.

Quando olhamos o comentário da Bíblia de Estudo NAA ele diz:

“O Senhor não reprova Jó tão extensivamente quando afirma sobre ele: obscurece os meus planos com palavras sem conhecimento. Parece haver um trocadilho na noção de escuridão e algo sendo ocultado. Jó havia tirado conclusões sobre a natureza do governo de Deus a partir do que estava revelado na terra em suas circunstâncias e na de outros. Porém ele não considerou completamente o que estava oculto a ele e, assim, as suas palavras lançaram uma sombra sobre a sabedoria e justiça do governo de Deus. Em seu discurso, Deus vai questionar Jó no intuito de lembrar-lhe de que, mesmo naquilo que está revelado do governo majestoso e poderoso do mundo natural e seus habitantes, muito ainda está oculto.(BÍBLIA DE ESTUDO NAA, p.895)

Portanto também este comentarista percebe na primeira fala de Deus um apontamento quanto a ignorância do personagem. Este ainda soma a ideia de que, seria impossível a Jó compreender toda a plenitude da sabedoria de Deus com toda a revelação que a ele estava disponível. Então a primeira fala de Deus a Jó em introdução e conteúdo foca em informar a Jó que ele não sabe muitas coisas e tão pouco teria a capacidade de entendê-las.

3.2.1 A segunda fala de Deus a Jó

Na segunda fala de Deus no comentário São Jerônimo

“O cerne da questão é diferente, mas relacionado: ao invés da providência divina operando na ordem cósmica e no reino animal, ela aparece agora

operando na ordem moral e no mundo dos seres humanos. A incompetência de Jó neste campo também é exposta.”(MACKENZIE, 2007, p.963)

Este autor vê que o assunto da primeira e da segunda fala estão relacionados, contudo tem ângulos diferentes. Se Jó na primeira resposta de Deus se percebe incapaz de responder, quanto a natureza, na segunda a incapacidade da compreensão de Jó é exposta também nas esferas humanas.

E o comentário da Bíblia de Estudos NAA:

“O Senhor agora questiona Jó por extrapolar o seu juízo do que o seu sofrimento significava sobre o justo governo do Senhor sobre o mundo (40.6-9). Em sua fidelidade, Jó havia incorporado aspectos do caráter justo e correto do Senhor. Porém o Senhor esclarece que, ao falar sobre justiça na terra, Jó está se referindo a algo muito mais extenso do que ele pode compreender ou realizar” (ANDERSEN, 1984, p. 268)

Também esse comentarista vê que, sobre as questões morais e humanas, Jó não é suficiente para compreender tudo que acontece. A fala de Deus então foca em demonstrar a Jó que, por não ter conhecimento suficiente, ele extrapola e quando o faz, erra nas conclusões que chega sobre Deus.

O desenrolar poético da segunda fala chega aos dois grandes animais, o Beemote e o Leviatã. Até esse ponto, a estrutura é muito parecida com a primeira fala, há questionamentos a Jó sobre aquilo que ele teria dito e depois Deus fala sobre animais. A descrição do Beemote segue uma estrutura mais similar a do avestruz, visto que é mais descritiva e há poucas perguntas, enquanto a do Leviatã é similar a dos demais animais visto que a diversas perguntas sobre a capacidade humana perante ele.

Sobre o primeiro “Qualquer que seja a identificação, Beemote foi criado por Deus e serve para contrastar o poder de Deus com o poder do homem”(PURKISER, 2005, p.92) logo mais uma vez a um contraposto no comparativo Deus e homem, entre aquilo que Deus pode fazer e o que está disponível a Jó.

Quanto ao Leviatã a maioria dos comentários foca na descrição do animal e se ele pode ser considerado um ser real ou não. Mas a pesquisa foca no porque ele foi citado, Andersen lança luz sobre essa temática ao dizer:

O argumento que indica a força superior de Deus não é levantado para desencorajar os homens a procurarem entender-se com Deus, mas, sim,

para ressaltar a capacidade de Deus em reger os assuntos do universo de modo que os homens confiem nEle (ANDERSEN, 1984, p. 289)

Para ele, Deus demonstra o Leviatã em toda sua glória para que estes possam ter um entendimento melhor de quem Deus é. Nenhum homem poderia fazer algo contra o Leviatã, mas mesmo este está sob o controle de Deus e assim, mesmo que o homem não possa alcançá-lo pode nele confiar. Para Jó então, Deus é inatingível, porém o conselho divino que agora se apresenta a ele é que independente de sua compreensão Jó pode confiar.

Assim, quanto a segunda fala, da abertura com as perguntas até a descrição dos dois grandes animais pode-se afirmar que Deus contrasta suas capacidades com as de qualquer homem, se provando acima de qualquer compreensão, o que também está alinhado com o que vimos sobre a primeira fala.

No primeiro e no segundo discurso as abordagens de Deus são diferentes, mas ambas têm o mesmo cerne, de mostrar que Deus está muito além do que os homens podem fazer ou entender. Confirmando assim nossa segunda sub-hipótese então sim, as falas de Deus a Jó são para provar a ele sua incapacidade de compreendê-lo.

3.3 Os amigos de Jó foram conscientemente impiedosos

No teste do segundo pré-requisito precisamos avaliar se há elementos textuais suficientes para nós indicarmos que cada um dos amigos de Jó que foi repreendido por Deus.

Isso por si só é um exercício complexo, visto que não podemos entrar na mente deles. Para fazer tal investigação então precisaríamos de elementos na fala deles ou na resposta de Jó que apontasse tal desvio problema. Se esses existirem e após a repreensão os amigos mantiverem a posição então a ignorância não pode ser alegada, confirmando assim o nosso requisito hipotético para sanar a dúvida a qual esse estudo se propõe.

Em Jó 13:6-11¹¹ temos uma acusação importante de Jó contra a perversão das palavras, de seus amigos, em favor de Deus. Segundo Andersen “Jó demonstra aqui uma sensível preocupação pastoral com a segurança espiritual dos seus amigos”.(ANDERSEN, 1984, p.162) É importante destacar aqui também que todo o trecho Jó fala para a segunda pessoa do plural, logo, todos os seus amigos presentes foram advertidos que essa parcialidade era pecaminosa.

Já Pfeiffer argumenta “Eles desgraçaram sua dignidade através do servilismo. Pior ainda adularam a Deus a expensas da verdade...A defesa que eles fazem de Deus era uma ofensa a Deus”.(PFEIFFER, 2017, p.806)

Todo o trecho é aqui colocado como em favor de Deus, portanto se os amigos de Jó falam coisas enaltecendo a Deus, com a intenção de atacar Jó, não importa se estão corretas ou não, elas se tornam pecaminosas.

Pois é justamente disso que o Senhor os acusa no 42:7, “vocês não falaram a meu respeito o que é reto”. Ora usar o nome de Deus ou uma doutrina qualquer para com ela gerar sofrimento sobre alguém ou lhe imputar culpa indevida, não é dizer “o que é reto” sobre o Senhor.

Conseguimos então perceber que a primeira parte do teste da hipótese foi vencido, contudo falta a outra parte. Se em minha hipótese Jó não peca pois lhe faltava conhecimento, a mesma regra se aplica a seus amigos, portanto não basta reconhecer a acusação do pecado por Jó, até aqui talvez estivessem agindo de forma inocente, mas a partir dessas palavras se eles forem parciais a favor de Deus, e contra Jó, então essa hipótese ganha força.

3.3.1 O Erro de Elifaz

Começando por Elifaz, que é o primeiro a falar após a acusação de Jó, observaremos agora o capítulo 15.

¹¹ 6“Ouçam agora a minha defesa e prestem atenção aos argumentos dos meus lábios. 7Será que vão dizer perversidades em favor de Deus? Vão dizer mentiras a favor dele? 8Serão parciais por ele? Argumentarão a favor de Deus? 9Por acaso, seria bom se ele os examinasse? Ou vocês zombariam dele, como zombam das pessoas? 10Ele certamente os repreenderá, se em oculto forem parciais. 11A grandeza dele não os amedrontaria? E o terror dele não cairia sobre vocês?

Os versículos 14-16¹² Elifaz argumenta que Jó não pode ser puro, pois diante de Deus nem mesmo o céu o é. E que Deus não confia nem em seus santos (ou anjos). O problema dessa afirmação é que nada disso parte da boca de Deus, se os céus são impuros são impuros por causa daquele que o fez, ou seja, o próprio Deus, na tentativa de defender Deus Elifaz usa exageros que se bem analisados são acusativos contra Deus.

Pfeiffer argumenta ainda que no verso 16 Elifaz avalia Jó como alguém “que deseja ardente e repugnantemente o pecado”(PFEIFFER, 2017, p.806) mas não há acusação específica, não aponta um pecado de Jó para com esse Ihe condenar. Como se houvesse uma sentença de prisão e uma pena que já deve ser aplicada sem, contudo, haver uma queixa de crime.

Ainda nesse capítulo o personagem incorre em mais um erro grave. Em 17-35 ele começa a levantar um conhecimento que teria ouvido e aplicar sobre o homem iníquo, porém só faz sentido trazer tais palavras se ele insinua que Jó é alguém assim, porém em momento nenhum ele afirma que Jó pecou em qualquer um deles, ao mesmo passo que Jó diz “não pequei” a imputação forçosa de um pecado a Jó e como consequência o castigo de Deus, também são mentiras sobre o Senhor, pois Jó não pecou e Deus não o está castigando.

Elifaz ao querer defender Deus Ihe toma partido e ao fazê-lo desdenha de Jó que é o pecado que Jó Ihe havia enunciado em sua fala anterior. Se outrora Elifaz poderia alegar inocência ou ignorância agora ele é culpado de falar contra Deus.

3.3.2 O Erro de Bildade

O segundo a falar é Bildade e agora centramos nossa atenção no capítulo 18. Nele esse amigo de Jó começa a fazer descrições do que acontecera com o ímpio, e faz questão de levantar coisas que aconteceram a Jó como: “Não terá filho nem posteridade entre o seu povo, nem sobrevivente algum ficará nas suas moradas.”

¹² Que é o homem, para que seja puro? E o que nasce de mulher, para ser justo? 15Eis que Deus não confia nem nos seus santos! Nem os céus são puros aos seus olhos, 16quanto menos o homem, que é abominável e corrupto, que bebe a iniquidade como a água!”

Ora Jó perdeu todos de sua casa, incluindo todos os seus filhos, no inertexto Andersen afirma “Bildade oferece uma alegria transparente que é singularmente cruel na sua referência à perda que Jó sofreu dos seus filhos.”(ANDERSEN, 1984, p.188) e que para um Judeu a perda dos filhos e da posteridade é castigo pior do que a morte. Para o mesmo trecho Pfeiffer afirma, sobre as palavras de Bildade

Este quadro de palavras, intitulado pelo artista as moradas do perverso (v. 21 a), não é uma semelhança exata do original, mas é o suficiente para que Jó o reconheça como seu retrato. Ele contempla o local da sua tenda salpicado de enxofre, símbolo da maldição perpétua de Deus(PFEIFFER, 2017, p.782)

Bildade termina seu discurso dizendo “Tais são, na verdade, as moradas do ímpio, e este é o paradeiro daquele que não conhece Deus.” Ou seja, ele afirma que Jó sequer conhece a Deus, é um homem ímpio e por isso sofre castigo de Deus.

Bildade defende a Deus imputando pecados em Jó e então mostra sua parcialidade, o uso da teologia para oprimir as pessoas é sim contrário ao Senhor.

Da mesma forma que Elifaz se até o capítulo 13 Bildade estava inocente ou ignorante quanto aos seus erros, aqui, nessa fala isso não pode mais ser alegado, portanto o segundo amigo também é culpado.

3.3.2 O Erro de Zofar

Zofar, por sua vez, começa de forma diferente de seus amigos. Em Jó 20 ele admite ter ouvido a repreensão e até estar envergonhado dela, mas que se sente obrigado a responder. A partícula adversativa “mas” indica que sim o personagem percebe que deveria ficar quieto só que ainda assim fala.

Mackenzie faz uma observa que “pela primeira e única vez, um dos amigos admite estar impressionado pelas palavras de Jó; sua ‘reprimenda’ tocou Sofar momentaneamente. Mas ele se recupera e reage mais violentamente”(MACKENZIE, 2007, p.945)

Já Pfeiffer ao comentar sobre esse trecho diz:

“Com a ameaça da perseguição divina para vingar o sangue de Jó, Zofar ferve de raiva. Ele se apressa a redistribuir o papel dos atores, fazendo de Jó um criminoso sobre o qual Deus descarrega a vingança”.(PFEIFFER, 2017, p.784)

Zofar segue dizendo “Todas as calamidades serão reservadas contra os seus tesouros; um fogo não aceso por mãos humanas o consumirá e devorará o que ficar na sua tenda.” Uma referência aquilo que acontece com Jó no capítulo 2 deixando claro mais uma vez que os amigos não falam de forma genérica, mas contra o próprio Jó. “Esta é, da parte de Deus, a sorte do ímpio; esta é a herança decretada por Deus.” Novamente ao defender Deus esses homens imputam uma ação de Deus de castigar o ímpio Jó, o que sabemos, não aconteceu, mais uma vez a autodefesa de Jó dizendo não ter pecado é ignorada. Mais uma vez um amigo avisado de seu pecado insiste em cometê-lo fazendo-o assim culpado de falar o que não era reto sobre Deus.

Jó precisa ser culpado, para esses homens, para que sua teologia funcione e Deus seja considerado inocente. Eles forçam uma interpretação dos fatos na vida de Jó sem refletir se eles têm algo a ver com a realidade apresentada. Talvez o problema dos amigos de Jó nunca tenha sido sua teologia, mas a paixão em defendê-la sem antes refletir na vontade e na misericórdia de Deus.

Conclusão

Dos testes da hipótese que levantamos no capítulo passado podemos dizer que sim: Jó se abomina por ter falado ainda em ignorância. Cada elemento do texto aponta para tal ato assim Jó se humilha diante de Deus, pois ele não sabia do que falava e julgou apenas com sua razão.

Mas ao perceber que existia outra visão ele se cala, ao perceber que a perspectiva divina era infinitamente maior que a sua ele derrama e em sua humilhação se consola com as maravilhas que jamais pode imaginar.

E sim, os amigos de Jó, conscientes de seu pecado ainda assim o cometeram. Esses amigos foram alertados de que sua parcialidade, em favor de Deus, era pecaminosa e ainda assim o fizeram.

Deveria ser ponto tranquilo e comum, a todos, que não se pode agradar a Deus através do pecado. As falas dos amigos lembram muito o que encontramos nos profetas, um Deus que se ira contra a impiedade, ganância e contra os orgulhosos e por causa disso pune os ímpios. O que eles não percebem, porém, é que suas palavras contra Jó os tornaram culpados daquilo que eles mesmo condenavam.

Logo concluí-se ser procedente a hipótese de que Jó não pecou, em suas palavras, pois não tinha o conhecimento necessário para perceber seu engano. Não havia maldade no coração de Jó, não havia orgulho em suas palavras, apenas um filho que questionava seu pai Eterno, sim com sentimentos fortes e que nos assustam, mas que não deixam de ser legítimos.

Quando Jó questiona a justiça de Deus não o faz de forma diferente a Habacuque, quando Jó olha para os céus e crê que Deus é seu inimigo e quer destruí-lo não é diferente do que encontramos no livro de lamentações, quando se sente abandonado por Deus não é diferente do que Jesus disse na Cruz.

A nenhum desses imputam qualquer pecado logo Jó também não pode ser culpado. O Deus que conhece os corações ao ver o de Jó não encontrou falha.

Por que Jó não é repreendido com seus amigos? Porque diferente deles Jó tem um coração sincero e quebrantado diante de Deus. “coração quebrantado e contrito, não o desprezarás, ó Deus.”(Salmo 51:17)

Biografia

ANDERSEN, Francis I. Andersen, *Jó; Introdução e comentário*, 1.ed, São Paulo, Edições Vida Nova, 1984

ANDRADE, Claudionor de Andrade, *Jó; O Problema do Sofrimento do Justo e seu Propósito*, 1.ed, Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2003

BÍBLIA, Bíblia Sagrada de Estudo, João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil, 3ª ed. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP : Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CHAMPLIN, Russell Norman Champlin, Ph. D. , *O Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo*, 2.ed, São Paulo, Editora Hagnos, 2001

DILLARD e LONGMAN, Raymond B. Dillard e Tremper Longman II, *Introdução ao Antigo Testamento*, 1.ed, São Paulo, Editora Vida Nova, 2005

MANGUEIRA, Hartman Mangureira, Arrependimento Divino, Biblioteca Charles Spurgeon, 2022, acessado em 20/06/2022, disponível em:
<https://spurgeononline.com.br/artigos/arrependimento-divino/>

OWENS e TATE e WATTS, John Joseph Owens; Marvin E. Tate Jr; John S. W. Watts, *Comentário Bíblico Broadman: Antigo Testamento Volume 4*, Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987

MACKENZIE , R. A. F. MacKenzie *et al*, *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo Antigo Testamento*, São Paulo, Editora Academia Cristã; Editora Paulus, 2007

MERRIL, Eugene H. Merrill, *Teologia do Antigo Testamento*, 1.ed, São Palo, Editora Shedd Publicações, 2009

PFEIFFER, Charles F. Pfeiffer, *Comentário Bíblico Moody; Volume 1 Gênesis a Malaquias*, 2.ed, São Paulo, Editora Batista Regular do Brasil, 2017

TERRIEN, Samuel Terrien, *Jó*, São Paulo, Editora Paulus, 1994

WIERSBE, Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo; Antigo Testamento Volume III*, 1.ed, Santo André, Editora Geográfica, 2010

WIERSBE, Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Wiersbe Antigo Testamento*, 1.ed, Santo André, Editora Geográfica, 2008

Apêndices

A - Tradução da resposta de Jó

Jó 42v2

יָדַעְתִּי: Verbo QAL perfeito, 1ª pessoa singular (Eu sei, eu conheço, eu entendo)

כִּי: Conjunção (que, pois, para)

כָּל: Nominal masculino singular (todo, tudo)

תּוּכַל: Verbo QAL segunda pessoa singular imperfeito Masculino (Você pode, você poderá)

וְלֹא: Vav conjuntivo + advérbio de negação (e não)

יִבְצֵר: Verbo nifal imperfeito 3ª pessoa masculino singular (vindimar, colher uvas, ceifar uvas; fortificar; derrotar, subjugar, reduzir)

מִמֶּנִּי: Junção + adjetivo (humilhado, derrotado, frustrado)

מִזְמָה: nominativo feminino (trama; má intenção; malícia, astúcia)

Tradução: Eu sei, que tudo você pode, e não se removem ou frustram seus planos.

Jó 42v3

מִי: Partícula interrogativa (quem?)

זֶה: Pronome masculino (este)

מִמַּעֲלָיִם: Verbo Hifil particípio masculino constructo (se levanta, ascende)

הַעֲצָה: nominativo feminino singular (sabedoria)

כִּלְיָי: Advérbio (sem, nenhum, nenhuma)

רַעְיָהּ: Nominativo feminino singular (razão, discernimento, conhecimento)

לְכֵן: advérbio (sim, assim, na verdade)

הִגַּדְתִּי: Verbo Hifil perfeito 1ª pessoa singular (falei, disse)

וְלֹא: Vav conjuntivo + adverbio de negação (e não)

אֲבִין: verbo QAL imperfeito (Entender)

תִּפְלְאוֹת: nominativo feminino plural (Maravilhas)

מִמֶּנִּי: preposição 1 pessoa singular (mais do que eu)

וְלֹא: Vav conjuntivo + adverbio de negação (e não)

אֲדַע: verbo QAL imperfeito 1 pessoa singular (Conhecia, percebia, entendia)

Tradução:

Quem é este que se levanta contra minha sabedoria, sem nenhum conhecimento?
Na verdade, falei e não entendia, as maravilhas maiores do que eu podia entender e não as percebi.

Jó 42v4

שִׁמְעֵנָה: Verbo QAL imperativo (Ouça)

נָא: Interjeição (por favor, agora, pois)

וְאֲנִי: Vav conjuntivo + pronome pessoal 1 pessoa do singular (eu)

אֲדַבֵּר: Verbo piel imperfeito 1 pessoa singular (falarei, direi)

אֲשַׁלְּחֶנְךָ: Verbo qual imperfeito 1ª pessoa do singular, para a 2ª pessoa do singular
(Eu te perguntarei)

וְהוֹדִיעֵנִי: Vav conjuntivo + verbo hifil imperativo 1ª pessoa do singular (e permita-me saber, me instrua, me ensine, me respondera)

Tradução : Ouça-me agora e eu falarei. Te perguntarei e você me ensinara

Jó 42v5

לְשִׁמְעַ: preposição nominativo + verbo constructo (dizer, falar, prestar atenção, entender)

אָזְן: nominativo singular feminino (orelha)

שָׁמַעְתִּיךָ: Verbo QAL perfeito 1 pessoa do singular, para a segunda pessoa (Eu te conheci, eu e ouvi, eu te entendi, eu te percebi)

וְעַתָּה: Vav conjuntivo + adverbio (e agora,)

עֵינַי: nominativo masculino + constructo 1 pessoa singular (meus olhos)

רְאָתְךָ: verbo QAL perfeito, 3ª pessoa plural para segunda do singular (te enxergam, te conhecem, te veem)

Tradução: Te conhecia de orelha, mas agora os meus olhos te veem.

Jó 42v6

עַל- : Preposição(sobre, em cima de; acerca de; perto de; por causa de; contra; a favor de; diante de; concernente a)

כֵּן: Adverbio (Sim ou Assim), Adjetivo (justo ou verdadeiro)

סָמַתִּי: Verbo, Qal, imperfectivo 1ª Pessoa Singular (Repudiar ou desdenhar)

וְנִחַמְתִּי: Vav conjuntivo + Verbo, Nifal Perfectivo 1ª Pessoa Singular (respirar profundamente, consolar, sentir-se aliviado, prestar condolências, arrepender-se, vingar)

עַל- : Preposição (sobre, em cima de; acerca de; perto de; por causa de; contra; a favor de; diante de; concernente a)

עָפָר: Substantivo singular masculino(pó)

:וְאֵפֶר: Vav conjuntivo + Substantivo singular masculino (e cinzas)

Tradução:

Acerca disso, verdadeiramente repúdio e consolo-me em pó e cinzas

B - Tradução da Fala de Deus aos amigos de Jó

Jó 42:7

וַיְהִי

: Vav conjuntivo + verbo Qal consecutivo imperfeito 3 pessoa singular (E terminado, e após, e feito...)

אַחֲרָיִם: Preposição (Após ou depois)

דִּבְרָיו: Verbo piel perfeito, 3ª pessoa singular (falado, dito)

יְהוָה: Deus

אֶת־: partícula acusativa, indica objeto direto com

הַדְּבָרִים: nominativo masculino plural (palavras, falas)

הָאֵלֶּיךָ: preposição (contra ou sobre)

אֶל־: preposição

אֵיּוֹב: nominativo masculino próprio (Jó)

וַיִּשְׁמַע: Vav conjuntivo + verbo QAL consecutivo imperfeito (e falando, dizendo)

יְהוָה: Deus

אֶל־: preposição

אֵלֶּיפוֹ: nominativo masculino próprio Elifaz

הַתֵּמִיטִי: artigo + nominativo próprio masculino (O temita)

הָקָרָה: Verbo QAL perfeita 3ª pessoa plural (aborreceram, irritaram, acenderam)

אָפִי: Nominativo masculino constructo (ira, cólera, fúria)

בְּךָ: Pronome segunda pessoa do singular (Tu/Você)

וּבְשְׁנַיִם: Vav conjuntivo + numeral (e os dois)

רֵעֵיךָ: Constructo plural masculino (amigos)

וְכִי: Conjunção

לֹא: Não

דִּבְּרִיתֶם: Verbo Piel perfeito 2ª pessoa do plural (Disseram, falaram)

אֵלַי: preposição (contra mim, de mim, em minha direção)

נִכְוָנָה: Verbo Nifal particípio singular feminino (estar pronto; estar certo; ser firme, ser forte)

כְּעַבְדִּי: Sufixo pronominal + substantivo masculino singular (O servo, meu servo)

אֵיּוֹב: nominativo masculino próprio Jó

Tradução: Após Deus terminar de falar aquelas palavras a Jó. Deus se dirigiu a Elifaz, o temita, dizendo: Vocês acenderam a minha ira. Você e seus dois amigos não disseram o que era reto sobre mim, como meu servo Jó.